



LOCKDOWN E O IMPACTO NAS ECONOMIAS ESTATAIS: OS PRECONCEITOS DO LIVRE MERCADO PERANTE A MANUTENÇÃO DOS SISTEMAS PÚBLICOS DE SAÚDE E AS DESIGUALDADES SOCIAIS

LOCKDOWN AND THE IMPACT ON STATE ECONOMIES: THE PREJUDICES OF THE FREE MARKET REGARDING THE MAINTENANCE OF PUBLIC HEALTH SYSTEMS AND SOCIAL INEQUALITIES

Francesco Schettino¹

<https://orcid.org/0000-0003-4273-9981>

Resumo:

Este texto tem como objetivo contar em forma narrativa a história de um sistema econômico – o do Sr. Livre Mercado- que, deixado livre para flutuar, geraria espontaneamente múltiplas condições de excelência, movidas pela incrível racionalidade dos operadores que dele fazem parte. Foi assim que, em poucas décadas, o que nasceu como um conto fantástico para acalmar as crianças mais agitadas, foi levado por alguns tão a sério ao ponto de se tornar um dos pilares sobre o qual criou-se um dos mais importantes sistemas regulatórios que toda a humanidade pode lembrar, isto é, aquele que regula a União Europeia. Todavia, as contradições reveladas pela epidemia de Covid19 mostraram sua gravidade, que neste momento, nos parece francamente inimaginável compreender se será possível voltar a uma presumida “normalidade” do Sr. Livre Mercado nos próximos anos. A pergunta que não temos como responder, mas que já é feita aos governantes de todas as latitudes é: “por quanto tempo poderemos continuar assim?”.

Palavras-chave: lockdown; livre mercado; economias estatais; desigualdades sociais.

Abstract:

This paper aims to tell in a narrative form the story of an economic system – that of Mr. Free Market – which, left free to float, would spontaneously generate multiple conditions of excellence, driven by the incredible rationality of the operators that are part of it. Thus, in a few decades, what was born as a fantastic tale to calm the most restless children, was taken by some so seriously to the point of becoming one of the pillars on which one of the most important regulatory systems was created. all of humanity can remember, this is the one that regulates the European Union. However, the contradictions revealed by the Covid19 epidemic showed its gravity, which at this moment, it seems frankly unimaginable to us to understand if it will be possible to return to a presumed “normality” of Mr. Free Market in the coming years. The question that we have no way

¹ Università Degli Studi della Campania Luigi Vanvitelli. Contato: francesco.schettino@unicampania.it

of answering, but that is already being asked to the rulers of all latitudes is: “how long can we continue like this?”.

Keywords: lockdown; free market; state economies; social differences.

Era uma vez a história que contava de um sistema econômico – o Sr. Livre Mercado– que, deixado livre de flutuar, geraria espontaneamente múltiplas condições de excelência, movidas pela incrível racionalidade dos operadores que dele fazem parte.

Era uma fábula repleta de fórmulas, gráficos, axiomas e teoremas, bela a ponto de emocionar até mesmo os adultos: entre estes, alguns, a princípio, limitavam-se a lê-la para seus filhos bulimicamente todas as noites na tentativa de fazer com que dormissem, acabando por absorver a tal ponto que realmente acreditaram nele até que foi proposto nos lugares onde se molda o pensamento e por discuti-lo até nas mais nobres academias do mundo. No entanto, após algumas décadas de crise, desigualdade e pobreza generalizada, poucos foram os que continuaram a acreditar nisso, especialmente entre os mais jovens. Um mundo assim descrito, próximo da perfeição, felicidade generalizada e total racionalidade, muito pouco se conciliou com a materialidade da vida, feita de insegurança no trabalho, dificuldade de pagar as contas, encontrar um hospital público devidamente equipado para atender entes queridos, ou uma instituição educacional capaz de oferecer aulas presenciais e socialização.

Apesar disso, como que encantadas por um ilusionista formidável, mentes de indiscutível qualidade continuaram a pontificar com admirável obstinação sobre a extraordinária eficiência do Sr. Livre Mercado e sobre os fantásticos benefícios que sua ação teria proporcionado a toda sociedade se apenas as intervenções externas, as dos sujeitos públicos mais no geral, fossem contidas a ponto de quase desaparecer. E aí de quem se opusesse a tal forma de ver a realidade! Nem que fosse para propor uma crítica ou mesmo ilustrar um paradigma alternativo! Corria o risco de ser tratado como os piores feiticeiros que a história já viu e, portanto, retirado dos círculos de pensamento mais relevantes e, quando não possível, silenciado em um canto do qual seria impossível argumentar com ninguém.

Foi assim que, em poucas décadas, o que nasceu como um conto fantástico para acalmar as crianças mais agitadas, foi levado por alguns tão a sério a ponto de se tornar um dos pilares sobre o qual criou-se um dos mais importantes sistemas regulatórios que toda a humanidade pode lembrar, isto é, aquele que regula a União Europeia, em todas as suas modificações posteriores. Mas não se tenha a ilusão de que este foi um caso isolado! Na verdade, desde que se dissolveu como neve em um dia quente de verão o que por décadas agiu como um bicho-papão – e que, bem ou mal, representou no imaginário coletivo uma alternativa à realidade – isto é, o sistema soviético – baseado principalmente na propriedade comum dos meios de produção e no planejamento da produção de bens e serviços –, os profetas do Livre Mercado, ao lado de um exército cada vez maior de aprendizes, passaram a espalhar a palavra em praticamente todos os cantos do mundo.

Eles pensaram ter superado todas as resistências, mas, como foi claro desta vez, eles fizeram mal as contas. Paradoxalmente, também pelo fato de serem pagos, e não pouco, apenas

para fazer as contas, que – dito confidencialmente – erravam ciclicamente. Nessa altura eles vagavam pomposamente pelos lugares de poder, colocando-se e seus discípulos em todos os gânglios do sistema, administrando tudo de forma arrogante e descarada. A aplicação de suas teorias jogou milhares de indivíduos na rua? “Superaremos”, disseram, com ar de desdém: “deve ter surgido alguma distorção imprevisível, talvez devido à intervenção do estado de bem-estar que não se afastou adequadamente”. Eles precisavam de sistemas ditatoriais para tornar o sistema econômico mais fluido em grande parte das Américas? “Devemos ser mais realistas que o rei, e admitir que às vezes o povo é irresponsável”, argumentaram diante das dezenas de milhares de jovens torturados até a morte apenas porque culpados de exigir liberdade – não em palavras, mas em atos – e a democracia, a do povo. E assim eles continuaram por décadas, tornando-se cada vez mais cegos. Mas o que os afetou foi uma cegueira muito estranha: aquela que se materializa quando não se pode ver, não porque há uma patologia ocular, mas porque não se consegue enxergar mais. Uma espécie de incapacidade crônica que surge no nível neurológico em traduzir o que se passa diante dos olhos em imagens compreensíveis. E, ao fazê-lo, esqueceram que o que professavam, e sobre o qual construíram carreiras fantásticas, obtendo prêmios, lustros e dinheiro, era basicamente nada mais do que um conto de fadas para crianças.

Eles se tornaram tão ambiciosos, levados pelo desejo de comandar toda a humanidade, por esquecerem que muitas vezes nas histórias infantis os gananciosos perdem tudo, os bons triunfam e a natureza é uma mãe intocável e onipotente que sempre prevalece sobre a ganância. E como sabemos, às vezes, a omissão de elementos que aparentemente podem parecer meros detalhes, se paga cara. Foi assim que, para permitir ao Sr. Livre Mercado de agir com mais rapidez e garantir maiores enriquecimentos, muitos governantes pensaram em empobrecer o bem mais precioso que tomamos como dote das gerações que nos antecedem: a natureza, pacha mama. A superfície do globo habitada por diferentes tipos de flora e fauna foi gradualmente reduzida para permitir que a indústria produzisse a preços mais baixos e garantisse grandes lucros, causando, de fato, a impossibilidade do planeta fornecer um substituto orgânico tão necessário como sempre para vida de cada habitante. Várias poluições, que nada mais significam do que um envenenamento de todo o orbe terrestre, sempre resultado deste sistema anárquico do capital, fizeram o resto, criando destruição e empobrecimento da biodiversidade que vinha melhorando progressiva e lentamente durante milhões de anos. Nessa situação assustadora, eles tendiam a enfraquecer a todos, exceto os vírus invisíveis que assim tinham uma vida muito mais fácil de se adaptar a organismos que gradualmente se tornaram mais semelhantes e, portanto, mais fáceis de atacar.

Foi assim que um deles, provavelmente vindo de uma das espécies com o sistema imunológico mais forte – o dos morcegos – foi aprimorado a ponto de dar um salto qualitativo e passar dos animais aos humanos. Era o ano de 2020, ou talvez o final de 2019. Na República Popular da China, em Wuhan, o Covid19 tomou forma e encontrou um lar no organismo humano, dando início a uma das pandemias mais importantes que a era moderna pode lembrar. Este vírus começou a espalhar pânico, dor e morte por onde passou. Houve quem negasse até mesmo sua existência, mas como se sabe, “a mãe dos tolos geralmente está grávida”; muitos foram obrigados a mudar de ideia diante das evidências de milhares de pessoas – a maioria idosos – que perdiam a vida todos os dias em hospitais ao redor do mundo. Outros, poucos para dizer a verdade, mas no topo de importantes estados americanos, continuaram fingindo que o vírus não existia e que o Sr. Livre Mercado gozava de excelente saúde, apenas com alguns males sazonais. Mas assim, como

veremos, evidentemente não foi. E tantos se deram conta disso, a tal ponto que, em quase todo o globo, os governantes dos bens públicos decidiram aos poucos incomodar o brilhante Dr. Lockdown, o único, segundo alguns, capaz de resolver a situação de saúde que agora ia se agravando irreversivelmente. Afinal, foi o Sr. Livre Mercado que aos poucos foi eliminando aquele medicamento básico, presente na região, que durante anos foi o carro-chefe da Itália. Seus discípulos garantiram que deixando tudo nas mãos de particulares, tudo seria “excelente”. Teríamos economizado 37 bilhões de euros em alguns anos (GIMBE, 2019) que poderíamos ter usado para diversos fins. Mas então descobriu-se que esse dinheiro era usado principalmente para pagar os juros dos credores do Estado e que o que se prometia ser excelente, em vez disso, se transformou em um grande fracasso.

E diante de uma situação tão comprometida, não havia alternativa senão recorrer ao Dr. Lockdown. Até os pequenos sabem que o Dr. Lockdown não é doce nem afável, seus remédios são tudo menos populares: ele exige que você fique em casa por longos períodos, ele não mostra parentes e amigos. Tranca-te em reclusão sabe-se lá por quanto tempo, mas a sua eficácia é conhecida em todos os continentes e é inegável. Além disso, ele é provavelmente o pior inimigo do senhor Livre Mercado; tanto que ele o teme como poucas coisas no mundo. Diz-se, no meio acadêmico, que, parafraseando um romance do passado, ele sarcasticamente o define como o “monstro do Lockdown”. E assim, nosso luminar tomou o assunto em suas próprias mãos e começou a ordenar quarentenas em todos os lugares, sem mesmo querer ouvir as recriminações latentes dos lacaios do livre mercado.

Foi assim que o Sr. Livre Mercado, depois de ter vendido sua perfeição e infalibilidade ao mundo, quase deificado, se viu diante de algo que o fez vacilar, talvez como nunca lhe tivesse acontecido anteriormente. Isso aconteceu justamente porque, a esta altura, ele já havia se estabelecido em todos os cantos do mundo, com algumas exceções – às vezes não insignificantes, como é o caso isolado chinês – tornando-se de fato um pensamento único e compartilhado com poucas nuances locais. Então, depois de décadas passadas afirmando como era prejudicial para a sociedade deixar a gestão dos setores estratégicos dos diversos sistemas econômicos nas mãos do Estado, aqueles que o apoiavam se viram, num passe de mágica, sem saber explicar o porquê mais uma vez – em um início de milênio tão conturbado – foi necessário recorrer ao dinheiro dos contribuintes, coletado pacientemente nos cofres do Estado, para restaurar negócios que, de outra forma, estariam tecnicamente falidos. Em suma, o Sr. Livre Mercado confiou durante anos em estudos que mostravam como apenas uma disciplina orçamentária de ferro teria permitido um enriquecimento generalizado. E em vez disso, como num passe de mágica, ele se viu pedindo para pagar o máximo de dinheiro possível (desse ponto de vista, tanto as políticas monetárias expansivas quanto os empréstimos não reembolsáveis têm o mesmo propósito) para não entrar em um buraco negro que só Deus sabe o que reservava. E então os governos ao redor do mundo, contando com a generosidade infinita (muitas vezes inconsciente) dos trabalhadores – isto é, aqueles que por 80-90% enchem os cofres do estado diariamente com seu trabalho – lutaram para dar novo dinheiro aos operadores do misterioso Livre Mercado. Uma contradição insolúvel? Bem, provavelmente sim. Mas as causas, que tentaremos explicar nas próximas seções deste artigo, são atribuídas principalmente ao fato de que o estado de saúde do sr. Livre Mercado, apesar de uma máscara invencível de super-herói, já estava muito comprometido e as intervenções de maquiagens que aconteciam periodicamente pelo menos desde os anos 80 tinham apenas escondido todas as

fissuras e fragilidades que com o tempo se expandiram para emergir em todo seu drama com a chegada do Dr. Lockdown e seus modos difíceis.

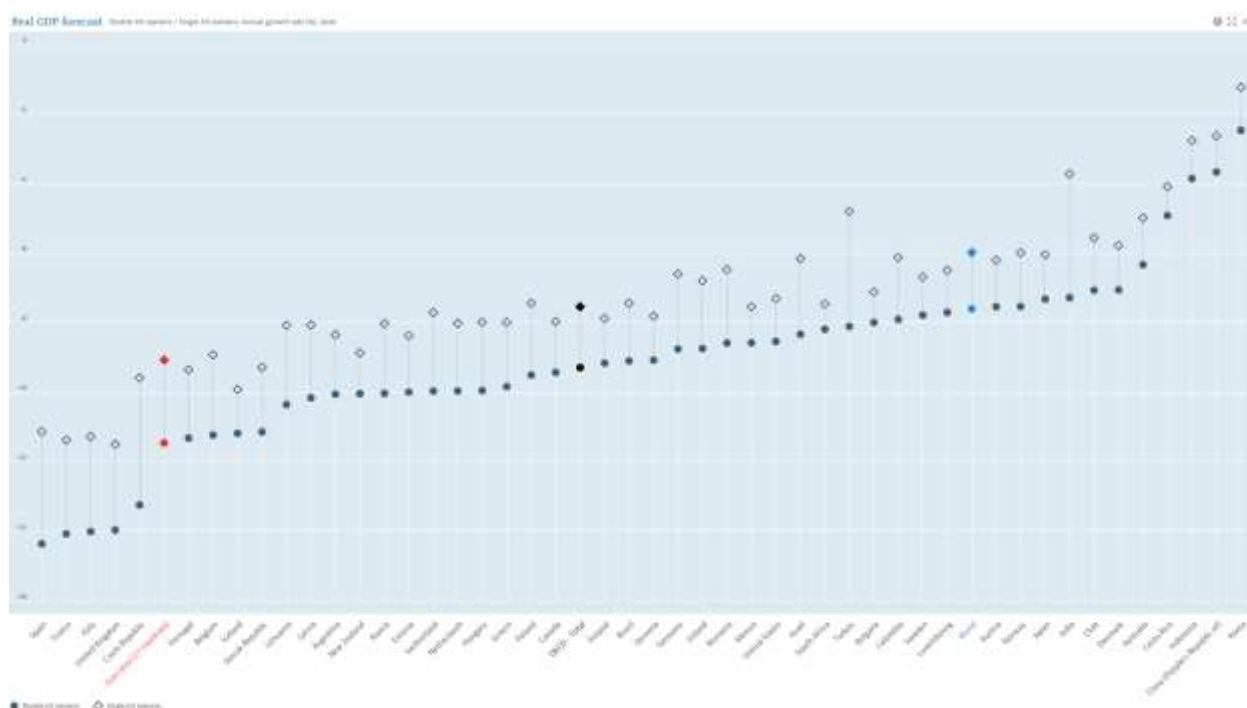
Que o sistema económico mundial não ia bem era, de fato, já do conhecimento de muitos operadores há anos e, sobretudo, no final de 2019 o assunto tornou-se de conhecimento público. “Caro leitor, a economia mundial está em uma condição altamente frágil. O impulso expansionista dos primeiros meses de 2018 perdeu força principalmente devido às tensões comerciais. A estes se somam as ameaças decorrentes da vulnerabilidade dos mercados financeiros e das incertezas geopolíticas. Tais desafios privam os formuladores de políticas da possibilidade de cometer erros e, ao contrário, exigem que adotem políticas corretas nos níveis local, internacional e global”. Assim, no final do ano que antecedeu a explosão da pandemia, o Gerente Interino do FMI, David Lipton, abriu o Relatório Anual do FMI, periódico que contém as estimativas, consideradas entre as mais confiáveis, sobre a evolução da produção de bens e serviços no mundo todo. O relatório, publicado no último trimestre de 2019, ecoou vários alarmes que já haviam soado nos últimos anos, que se tornaram muito mais altos com o tempo. Muitos já haviam apostado que 2020 seria o ano em que bolhas financeiras que haviam crescido de forma impressionante, novamente a partir de 2008, poderiam explodir com uma violência até então desconhecida. E não faltaram indícios materiais desse potencial.

Em 17 de setembro de 2019, apesar da impressionante quantidade de liquidez já injetada no sistema por bancos centrais de todo o mundo a partir de 2008 por meio de flexibilização quantitativa, estimada em cerca de US \$ 20.000 bilhões no final de 2019, o mercado interbancário dos Estados Unidos se encontrava paradoxalmente em situação de impasse, ou seja, de falta de liquidez, apesar das taxas de juros terem chegado a zero em alguns casos. Isto é, de repente, algumas taxas de juros das Repos dispararam, chegando a 10% ao mesmo tempo que as oficiais americanas não foram distantes de 2-2,25%. Este indicador (diríamos também *spread*, emprestando uma terminologia bem conhecida na Europa) teoricamente mostra um bloqueio típico do sistema principalmente devido à falta de confiança entre os operadores que lidam com o desembolso e reembolso de capital de empréstimo, especialmente de *overnight*. Em outras palavras, parecia testemunhar a história infelizmente já vista nos meses imediatamente anteriores à explosão de 2008, iconograficamente representada pelo fracasso pilotado do Lehmann Bros. O Federal Reserve, portanto, para evitar o colapso do sistema prontamente interveio lançando no sistema económico um montante igual a US \$ 260 bilhões (recorde até aquele momento) nos dois meses seguintes (dos quais US \$ 75 bilhões apenas em 17 de setembro) – porém, reduzindo as taxas em um quarto de ponto. A tentativa de “normalizar” o mercado monetário, ou seja, o seu esgotamento progressivo, evidentemente falhou e isso revelou por um lado o fato de que o mercado mundial agora se tornara dependente de injeções de liquidez e por outro lado que nuvens muito negras eram claramente visíveis no horizonte. Essa montanha de dinheiro, entre outras coisas, já estava destinada a se acumular no mercado de jogos de azar que, em uma fase prolongada de estagnação mundial – com poucas exceções – era a única saída para uma crise de superprodução que deixava poucas chances de lucro. O descolamento do mercado especulativo do real no final de 2019 atingiu níveis impressionantes: o índice MSCI World, que resume a tendência das bolsas mundiais, cresceu 26% em 2019, ultrapassando 1.800 pontos pela primeira vez na história. No mesmo período, o crescimento do PIB mundial atingiu apenas 3%, apresentando um dos números mais negativos desde a Segunda Guerra Mundial. De acordo com dados do FMI (World economic

outlook, Novembro de 2019), os estados capitalistas avançados viram o PIB crescer em média apenas 1,7%. Nos EUA, em comparação com o índice Nasdaq e S&P 500 bem acima de + 30%, a economia real cresceu apenas 2,1%. A mesma pergunta também na Itália, onde enquanto em Milão brindavam os jogadores do mercado de ações (+ 28,28%), os trabalhadores tiveram que suportar mais um ano de sofrimento devido à estagnação do PIB (+ 0,5%). Mesmo a Grécia, que finalmente se recuperou timidamente dos escombros aos quais o capital transnacional a havia empurrado poucos anos antes, registrou um desempenho da bolsa muito além (+ 43%) dos resultados da produção real (+ 2,2%). O enorme alargamento do fosso entre os índices bolsistas e o crescimento do PIB mostra uma medida clara do inchaço das bolhas especulativas que até 2019 tinham milagrosamente evitado alfinetes capazes de as fazer explodir: mas muitos, portanto, já no início de 2020 acreditavam que esta hábil estratégia tinha os dias contados.

Claramente, a chegada da pandemia e as medidas para contê-la – que, como vimos, em grande parte do mundo se manifestaram com formas de bloqueio generalizado – teve um impacto disruptivo em toda a estrutura econômica global que já tinha profundas falhas. As últimas estimativas disponibilizadas pela OCDE, novamente calibradas em dois cenários – single e double hit – embora agora seja muito evidente a existência de uma segunda onda que é em muitos aspectos mais difícil de gerenciar, são consequentemente dramáticas.

Imagem 1 - Taxa de crescimento real do PIB em 2020 - projeções



Fonte: OCDE² – relevada em 9 de novembro de 2020

De acordo com essas elaborações – realizadas no meio da segunda onda de contágios na Europa – até a RPC, já considerada por muitos como na área positiva, pareceria estar perto de uma paralisação em sua dinâmica. Em geral, no nível global, o PIB deve contrair um pouco menos de

² OCDE (2020), Real GDP forecast (indicator). doi: 10.1787/1f84150b-en (Accessed on 09 November 2020)

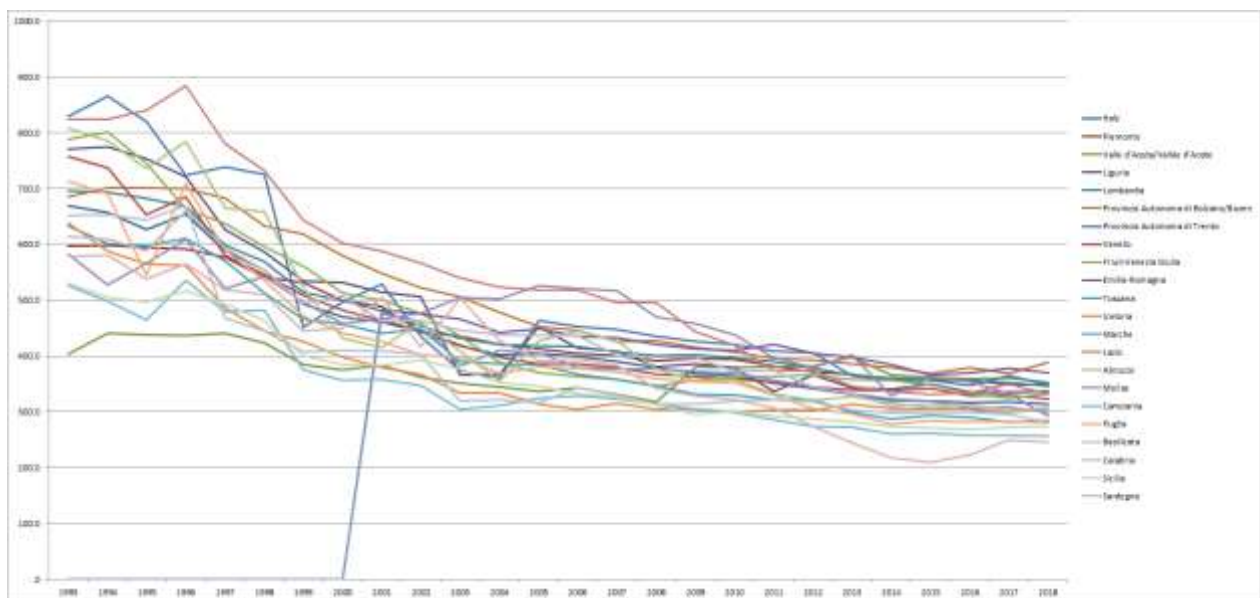
8% em relação a 2019. Sem dúvida, as políticas de quarentena, portanto, impactaram e continuarão a impactar as possibilidades de acumulação, prejudicando alguns setores ao mesmo tempo em que outros serão beneficiados. É evidente para todos que estes últimos tiveram oportunidades inesperadas de ganhos substanciais. Compreender quanto esses valores sejam ou não reais não é o objetivo deste artigo. O quadro geral é fluido e variável a tal ponto que essas estimativas são ajustadas diariamente. No entanto, parece importante ressaltar que a hipótese de “rebotes” não pode ser excluída, principalmente diante de alguns desempenhos registrados no trimestre entre as duas ondas pandêmicas: no terceiro trimestre, o PIB dos Estados Unidos cresceu 33,1% em relação ao anterior; o italiano 16,1%; + 8,2% na Alemanha; a China registrou + 3,2% já no segundo trimestre ao qual se soma o excelente resultado do trimestre seguinte (+ 4,9%).

Se for verdade que, apesar de toda boa vontade e honestidade intelectual, hoje é impossível imaginar como vai acabar 2020, e é ainda mais difícil entender como vai evoluir no ano seguinte – sempre dependente da descoberta e divulgação de uma vacina – é possível, no entanto, pelo menos começar a pensar com base em algumas considerações. 1) Em primeiro lugar, pelo que já escrevemos, o provável colapso do PIB, local e global, pode ser atribuído à pandemia e às medidas de fechamento tomadas em parte dela (em maior ou menor medida, dependendo das condições de partida). A crise, como já mencionamos, veio de longe e apresentou muitos dos problemas críticos que já haviam surgido antes das falências vinculadas às hipotecas *subprime*. Certamente a disseminação do Covid-19 atuou como um amplificador de problemas já latentes que adquiriram uma força desconhecida, dado o tamanho e a complexidade do fenômeno. 2) A progressiva privatização dos sistemas de saúde tornou a população vulnerável a um evento que havia sido previsto de várias formas; a tragédia humana foi fortemente alimentada por evidentes deficiências estruturais e consequente incapacidade gerencial. 3) As medidas de fechamento necessárias (aquelas que na fábula introdutória atribuímos ao Dr. Lockdown, que voltaram a ser retomadas durante a redação deste artigo) trouxeram à luz todas as contradições de um modo de produção faminto por lucro, portanto incapaz de parar mesmo perante a milhões de mortos. A inadequação do sistema atual pode ser resumida na contradição insolúvel “economia capitalista do sistema de saúde”.

Sabemos que considerar o PIB como único indicador do bem-estar de uma população é muito limitante. Apenas alguns aspectos são bem compreendidos, principalmente de natureza quantitativa, e outros de importância estratégica para fins de avaliação do bem-estar são esquecidos; ao mesmo tempo, porém, é uma medição capaz de nos aproximar adequadamente à taxa de acumulação de capital em uma área específica ou, mais ainda, em todo o sistema de capital. Há várias décadas, portanto, são propostos indicadores no contexto supranacional que permitem uma leitura mais objetiva, mas, apesar disso, o produto interno bruto – nas suas diversas formas – está sempre no centro das reflexões e das políticas econômicas dos governantes de quase o mundo todo. A ideia de que quanto mais próspera é uma sociedade, mais garante bem-estar aos seus habitantes é bastante aceitável. No entanto, elementos como disponibilidade de unidades de saúde, distribuição da renda produzida, bem como endividamento, não podem e não devem ser esquecidos em uma análise como a que estamos realizando. Embora possam ser menos visíveis, certamente têm um impacto muito forte nos padrões de vida de cada família, algo que se tornou evidente nas duas ondas pandêmicas. Portanto, ao concluir este ensaio, faremos um breve enfoque na análise desses aspectos.

Muitos se lembrarão de que, na época da primavera europeia (março-junho), aquele mesmo sistema de saúde da região italiana da Lombardia, que durante anos foi apontado como de excelência global, se mostrou deficiente até na função social para a qual foi instituído: a de permitir o atendimento a todas as pessoas – como também previsto na Constituição no artigo 32, segundo o qual a saúde é “(...) *direito fundamental do interesse individual e coletivo, e garante atendimento gratuito aos indigentes.* (...)”. De fato, em poucas semanas descobriu-se que nas últimas décadas, também graças a uma intervenção massiva do capital privado, houve uma substituição de camas para intervenções lucrativas em detrimento de outras simplesmente “úteis”, como as agora (infames) terapias intensivas. Este último, por ser muito caro e incapaz de garantir os ganhos formidáveis de outros serviços – como a cirurgia estética – havia sido reduzido em prol da maximização do lucro que é o objetivo de qualquer empresa privada, também do setor da saúde. A Imagem 2 mostra muito claramente como tem ocorrido um desinvestimento progressivo e inexorável no setor público de saúde, pelo menos desde o início dos anos 90, que pode ser resumido com a tendência do número de leitos disponíveis por 1000 habitantes.

Imagem 2 – Número de leitos disponíveis por 1000 habitantes (P_HTHAB³) – 1993-2018



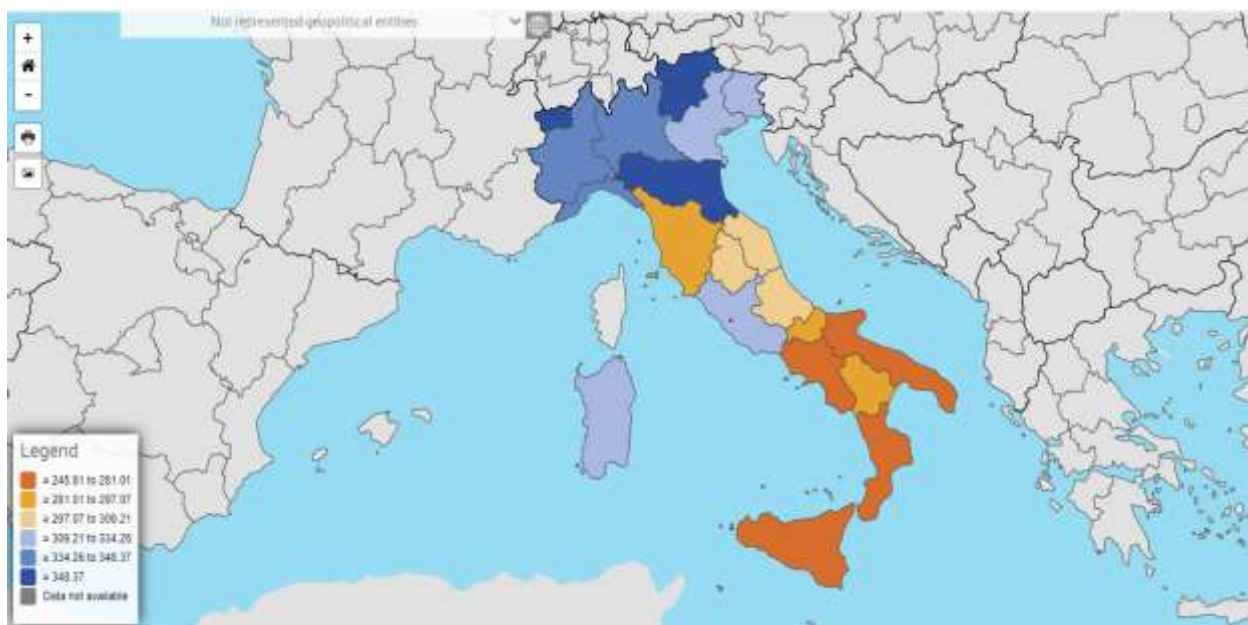
Fonte: elaboração de dados Eurostat

Os dados aqui reportados mostram que a demolição progressiva do número de camas, também ponderado pelo número de habitantes, tem interessado todas as regiões italianas, obviamente causando mais danos onde os dados iniciais eram mais baixos. Esta opção política, partilhada por todos os governos que se alternaram desde então, inscreve-se plenamente na chamada lógica (neo) liberal que caracteriza a maioria dos acordos europeus (desde Maastricht até ao pacto fiscal). Sendo a despesa com saúde um dos itens mais pesados da política orçamentária italiana, pelo menos nas últimas três décadas, para se enquadrar nos parâmetros europeus úteis para controlar a intervenção do Estado na economia, a sua contração tem sido quase consequência óbvia. O fato de a Itália ter agora sacrificado grande parte de sua riqueza acumulada ao longo de

³ Hospital beds by NUTS 2 regions [HLTH_RS_BDSRG] - Data extracted on 11/11/2020 11:16:34 from [ESTAT]

muitos anos, admirada e invejada por todas as partes do mundo, no altar da disciplina fiscal, foi uma descoberta em que muitos dificilmente acreditariam em um primeiro momento. Muitos pensaram que o fato de as regiões relativamente mais bem equipadas da Itália estarem no centro da tempestade de primavera poderia ser um elemento suficiente para acalmar ou limitar os danos: mas como sabemos, não foi esse o caso. Embora imprevisível em tamanho, o impacto da primeira onda foi perturbador, mostrando todas as lacunas e incapacidade de um sistema desesperadamente empobrecido por todos os governos que se alternaram ao longo dos anos. O aspecto mais alarmante da segunda onda é sua distribuição muito mais ampla em todo o país. É compreensível pensar que isso poderia gerar efeitos ainda mais devastadores do que o primeiro, embora houvesse tempo suficiente – em grande parte desperdiçado – para contratar novos trabalhadores, gerar empregos de terapia intensiva além dos que sobraram e consertar um sistema muito fraco nas suas bases. A Itália, que no final de 2020 passou pela segunda onda, é, de fato, o espelho daquela divisão norte-sul nunca resolvida que caracteriza nosso território desde o tempo da unificação. A Imagem 3 mostra como o número ponderado de leitos por habitantes em 2018 reflete uma polarização geográfica cada vez mais clara.

Imagem 3 - Número de leitos disponíveis por 1000 habitantes (P_HTHAB⁴) – ano 2018



Fonte: elaboração de dados Eurostat

No entanto, as preocupações que tornam o horizonte sombrio no final de 2020 não dizem exclusivamente respeito à emergência, mas mostram, sem dúvida, um perfil de médio-longo prazo. Faz-se referência, em primeiro lugar, ao impacto sobre a dívida pública (e também privada) que, no nível global, a pandemia e todos os tratamentos do Dr. Lockdown geram naturalmente. Desse ponto de vista, os dados coletados pelo Fundo Monetário Internacional são impiedosos. De acordo com este estudo, durante o período da pandemia, a relação dívida / PIB nos países avançados cresceu 20%, tendência que deverá continuar a crescer nos próximos meses. Discurso semelhante, mas mais atenuado, em relação aos países emergentes (+ 10%) e aos mais pobres (7%). Neste

⁴ Hospital beds by NUTS 2 regions [HLTH_RS_BDSRG] - Data extracted on 11/11/2020 11:16:34 from [ESTAT]

ponto, é apropriado investigar as raízes desse aumento formidável. Se é verdade que a contração do denominador agiu de maneira significativa, e já o testemunhamos amplamente, é importante ao mesmo tempo estudar a composição do numerador. De acordo com estimativas do FMI, metade do aumento da dívida é atribuível às medidas de política econômica implementadas para reduzir diretamente os efeitos da pandemia; o restante é constituído por garantias de empréstimos e medidas análogas que foram tomadas no âmbito das medidas de apoio à economia. Em outras palavras, a própria definição de empréstimos “não reembolsáveis” revela-se muito enganosa, pois é óbvio que se trata de presentes dados por contribuintes mais ou menos conscientes. Em outros termos, a própria definição de empréstimos a “fundo perdido” revela-se enganosa pois estes consistem em repasses mais ou menos conscientes dos contribuintes. Discurso semelhante ao dos empréstimos garantidos pelo Estado – medida fundamental de apoio nas medidas de contenção da primeira “onda” – que oneram, pelo menos por “competência”, sobre a dívida do ano em que são concedidos. A questão da dívida, portanto, embora mais ou menos conscientemente posta de lado nas discussões públicas, logo voltará à tona, trazendo consigo toda aquela carga de contradições alimentadas por medidas de eficácia duvidosa como a *paridade do balanço* que até recentemente foi incluído nos esquemas constitucionais dos diferentes membros da União Europeia. Todos esses aspectos nada mais fazem do que ampliar aquelas distâncias agora inegáveis e siderais de volta a uma sociedade – mesmo em países capitalistas avançados – cada vez mais semelhante àquela do final do século XIX quando, em contraposição aos trabalhadores e às massas do subproletariado, que lutavam diariamente para obter salários e condições de vida apenas decentes, a classe dominante levava uma vida de conforto e luxo. Em outras palavras, não apenas nos países menos comentados, mas no mundo todo, as desigualdades agora são crescentes. É certamente prematuro fornecer uma estimativa cientificamente válida do impacto da pandemia na distribuição de renda e propriedade global. São processos que obviamente precisam de tempo para serem compreendidos em toda a sua essência, mas o que se detecta de imediato é que a pandemia expôs todos os aspectos mais iníquos de um sistema, como o do capital, que baseia sua existência na desigualdade. Não é por acaso que durante uma crise histórica como a que vive todo o planeta, perante centenas de milhões de indivíduos colocados pela primeira vez na faixa dos “vulneráveis” ou “pobres” devido ao desemprego galopante, a elite da classe capitalista encontrou uma oportunidade para aumentar sua riqueza. Um estudo de maio de 2020, produzido pelo *Institute for Policy Studies*, calculou que apenas nos primeiros dois meses da pandemia – março e abril – o patrimônio líquido total dos bilionários americanos havia crescido 15%, com os maiores ganhos no topo da pirâmide onde estão Bezos, Bill Gates, Zuckerberg, Warren Buffett e Larry Ellison (proprietários da Amazon, Microsoft, Facebook, WalMart e Oracle respectivamente). Embora os trabalhadores do mundo todo venham lutando para sobreviver, eles viram seus ativos aumentarem em gritantes US \$ 76 bilhões no total.

As contradições reveladas pela epidemia de Covid19 são, portanto, impressionantes e sua gravidade é tal que neste momento nos parece francamente inimaginável compreender se será possível voltar a uma presumida “normalidade” nos próximos anos. Como já mencionado, não só a mera produção, mas também a distribuição da vacina serão momentos dramáticos que marcarão o ritmo de um fenômeno de proporções globais. Sem dúvida, em conclusão, podemos dizer que a Covid19 deixou claras as iniquidades estruturais de um sistema que continua a alavancar o esforço diário de bilhões de indivíduos, cada vez mais marginalizados, para garantir um punhado de bens cada vez mais invisíveis, mais imensos e opulentos. Portanto, a pergunta que não temos como

responder, mas que já é uma pergunta feita aos governantes de todas as latitudes – que logo não poderão deixar de não acompanhar – é: “por quanto tempo poderemos continuar assim?”.

REFERÊNCIAS

CANFORA, Luciano. *Esportare la libertà. Il mito che ha fallito*. Milão: Arnoldo Mondadori, 2007.

GIMBE. Report Osservatorio GIMBE n. 7/2019. **Il definanziamento 2010-2019 del Servizio Sanitario Nazionale**. 2019. Disponível em: <https://www.gimbe.org/osservatorio/Report_Osservatorio_GIMBE_2019.07_Definanziamento_SSN.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **Annual Report 2019**. Our Connected World, 2019. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/ar/2019/eng/assets/pdf/imf-annual-report-2019.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2021.

LONGO, Morya. Il mondo affoga nei debiti stradali. Sei strade (incerte) per ridurli, **Il Sole 24 ore**, 8 nov. 2020.

PIKETTY, Thomas. **Capitale e ideologia**. Milão: La Nave di Teseo, 2020.

QUAMENN, David. **Spillover** – L’evoluzione delle pandemie. Milão: Adelphi, 2012.

REINHART, Carmen M.; KENNETH S. Rogoff. Growth in a Time of Debt. **American Economic Review**, v.100, n.2, p. 573-578. 2010.

SCHETTINO, Francesco. Crisi del capitalismo e pandemia: gli effetti su disuguaglianze e povertà, In: CIATTINI, A.; PIRONE, M. A. **Pandemia nello scenario del capitalismo del XXI secolo**. Itália: PM Edizioni, 2020b.

SCHETTINO, Francesco. L’impatto della crisi su povertà e disuguaglianze. **Materialismo Storico**, ano VIII, n.1, 2020c.

SCHETTINO, Francesco. O impacto da crise sobre a pobreza e a desigualdade, In: CHIMURIS, R.; VASCONCELOS, A. **Direito e Economia: O direito ao desenvolvimento integral, financeirização da economia e endividamento público**. Nápoles: La Città del Sole, 2020a.

SCHETTINO, Francesco; CLEMENTI, Fabio. **Crisi, disuguaglianze e povertà: le iniquità strutturali del capitalismo, da Lehman Brothers alla Covid19**. Nápoles: La Città del Sole, 2020.

WALLACE, Robert. big farms make big flu: dispatches on infectious disease, agribusiness, and the nature of science, **The Monthly Review**, 2016. Disponível em: <https://monthlyreview.org/product/big_farms_make_big_flu/>. Acesso em: 20 ago. 2021.